

AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Igreja Portucalense na recepção do II Concílio do Vaticano: Igreja Portucalense, boletim da diocese do Porto (1970-1984): índices*. Porto: Diocese do Porto, 1998. 78 p.

MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de – *A Igreja nos Açores, segundo quartel do século XX: índices do Boletim Eclesiástico dos Açores (1925-1952)*. Apresentação de José G. Reis Leite. Povoação: Santa Casa da Misericórdia da Povoação, 1998. 289 p.

100 ANOS de "A Guarda". Guarda: Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda, 2004. 27 p.

A chamada imprensa católica constitui um universo vasto e diversificado, de grande interesse para a compreensão da história portuguesa contemporânea, seja enquanto fonte de informação para o conhecimento da Igreja católica e da sociedade, seja enquanto objecto de análise, mas o seu conhecimento histórico é ainda muito fragmentário. A existência, produção, difusão e conteúdo desses títulos são parte integrante do movimento católico desde o século XIX, e configuram um tipo de relação dos católicos, das suas organizações e da própria hierarquia eclesial com a sociedade em geral [cf. entrada "Imprensa Católica", in *Dicionário de História Religiosa*. Lisboa: Círculo de Leitores, onde o tema é desenvolvido].

Na sequência de notícias bibliográficas anteriores publicadas nesta mesma revista, e embora com atraso, assinalamos três títulos que nos trazem elementos significativos para o conhecimento de uma parte da galáxia comunicacional que é a imprensa católica. Do mesmo passo, solicitamos a todos os que tenham conhecimento da edição de instrumentos de trabalho ou monografias sobre este tema que informem a redacção da revista, confirmando nós o compromisso em registar e divulgar essa mesma informação.

* * *

Como sublinha Carlos Azevedo na apresentação que redige para o seu trabalho, «A criação da revista *Lumen*, em 1936, conduziu à supressão dos Boletins diocesanos, na intenção de criar um órgão nacional. Aos poucos, cada diocese foi reconhecendo a necessidade de um instrumento próprio, sobretudo na fase do arranque pós-conciliar.» (p. 5). Foi neste contexto que surgiu o boletim *Igreja Portucalense*, após o regresso de D. António Ferreira Gomes ao governo da sua diocese. Este título é então considerado «renascença e continuação» do anterior *Boletim da Diocese do Porto* (1914-1936), cujos índices foram também já publicados [cf. *recensão in Lusitania Sacra*. 10 (1998) p. 438 e ss.].

A par da Apresentação – com informação relativa aos directores do Boletim, indicação de pistas de leitura e definição dos critérios metodológicos seguidos –, o livro inclui um Índice de artigos, onde se ordenam alfabeticamente (por autor ou título) as 671 entradas que compõem os 83 números editados, e um Índice analítico de assuntos, topónimos ou nomes próprios. Como sublinhado e sugerido pelos temas em questão, o Boletim constitui uma importante fonte de estudo histórica e teológica para quem pretenda analisar «os primeiros vinte anos de recepção conciliar numa diocese de grande prática religiosa» (p. 11).

* * *

O livro de Octávio H. Ribeiro Mendes é o terceiro volume de um trabalho relativo ao levantamento, estudo e publicação de índices do *Boletim Eclesiástico dos Açores* – o primeiro boletim diocesano, propriamente dito, a ser editado em Portugal e iniciado em 1872. Na apresentação do volume, José Guilherme Reis Leite considera o conjunto da obra «um marco na história da Diocese de Angra e na renovação dos estudos históricos açorianos» (p. 13), pois – sublinha – «os estudos sobre a Igreja açoriana quase pararam de há vários anos a esta parte e a renovação da historiografia açoriana, que é um facto incontestável nos nossos dias, não chegou a esta área de estudos. [...] A história da Diocese de Angra nos séculos XIX e XX continua a não despertar interesse, apesar de ser temática fascinante, que espera pelo seu historiador.» (p. 9).

O volume inclui: uma introdução (p. 15-23), dois capítulos de recolha e tratamento qualitativo da informação – um sobre “O governo da diocese no segundo quartel do século XX” (p. 20-110) e outro sobre “Seminário e clero” (p. 111-228) –, “Notas finais” (p. 229-230) e os Índices propriamente ditos – onomástico (p. 233-239), ideográfico (p. 241-283) e toponímico (p. 285-289). Este desdobramento dos índices do *Boletim* constitui uma novidade relativamente aos dois volumes anteriores, embora a metodologia utilizada seja a mesma [cf. recensão em *Lusitania Sacra*. 10 (1998)], sendo as entradas registadas apenas pelo título dos textos, sem referência aos eventuais autores. O período em análise, neste volume, corresponde a grande parte dos pontificados de Pio XI e Pio XII e ao governo diocesano de D. António Augusto de Castro Meireles (1923-1928) e de D. Guilherme Augusto Inácio da Cunha Guimarães (1928-1957) – um longo pastoreio e «o menos “interventivo” no campo social» (p. 21), segundo o Autor.

Continuando o trabalho desenvolvido nos dois volumes anteriores, no capítulo 2, o Autor procurou reunir, listar e apresentar em quadros a informação relativa à admissão de alunos no Seminário, às ordenações, ao movimento do pessoal eclesiástico e ao falecimento de padres, registada no *Boletim*. Adverte-nos, no entanto, para algumas diferenças: «Relativamente à qualidade da informação fornecida, sobretudo no que se refere a dados de possível quantificação e tratamento estatístico, não fomos muito favorecidos. Em tomos anteriores [do *Boletim*], a informação era muito mais precisa, facilitando-nos o seu tratamento. [...] Por tal motivo, não apresentamos neste volume as admissões dos alunos por ilha [de origem] e por regime [de admissão]. Continuamos também, sem informação de muitas ordenações e, quando temos referência a datas, não a temos quanto a nomes e naturalidade dos ordenandos.» (p. 22). Ainda assim o resultado obtido é significativo, permitindo uma visão geral, ainda que possivelmente incompleta — como alerta o texto — do movimento das ordenações neste período (v. gráficos 27 e 28, p. 161 e 197), ou mesmo da origem geográfica dos Ordenandos (cf. quadro da p. 204). A parte relativa ao governo da diocese apresenta, de modo continuado e sistemático, os documentos publicados, resumindo e ilustrando os diversos temas abordados, com alargada e significativa transcrição de textos. A vitalidade da Igreja açoriana neste período, sublinhada na introdução, fica bem patente através da informação disponibilizada; informação que permite e exige um trabalho de investigação e leitura mais aprofundado, conforme sugere o próprio Autor (cf. p. 20-22, 229-230).

* * *

O terceiro trabalho, de que aqui damos notícia, é a publicação pela Câmara Municipal da Guarda de um pequeno caderno, no âmbito de uma exposição com o mesmo nome, para

assinalar o 100º aniversário do jornal *A Guarda*. Com textos de Jesué Pinharanda Gomes, José Manuel Trigo Mota da Romana, e José Luis Lima Garcia, o opúsculo visa chamar a atenção para a importância daquele periódico, numa perspectiva sócio-cultural, religiosa e regional, assim como para a necessidade de uma reflexão histórica acerca deste semanário católico regionalista.

O jornal, propriamente dito, iniciou-se apenas em 1905, sucedendo a um boletim quinzenal com o mesmo nome, esse sim de 1904. Nascido no contexto de uma combativa militância católica, nos tempos do bispo D. Manuel Vieira de Matos – período em que «*A Guarda* logrou ser a matriz de uma importante cadeia de jornais» católicos a nível local (p. 7) –, o jornal é hoje o «decano da imprensa católica portuguesa» (p. 7), no dizer de Pinharanda Gomes, que muito se tem dedicado ao estudo destas questões [vejam-se, nomeadamente, os seus estudos sobre a região: *História da diocese da Guarda*, 1981; *A imprensa da Guarda (subsídios)* 1983; *Memórias da Guarda*, 2001].

Segundo José Luis Lima Garcia, «Mais do que guardense, o semanário *A Guarda* é egitanense e, nesta qualidade, toda a sua vivência de um século de história se tornou uma verdadeira luta de missionação pela divulgação da “boa-nova” evangélica da religião profética de Jesus Cristo.» (p. 21). No entanto, a sua história está por fazer. O mérito de iniciativas como esta é suscitar o interesse, levantar hipóteses, fazer convergir meios e vontades para que a investigação histórica se possa desenvolver e realizar.

Paulo Fontes

PEREIRA, José Carlos Francisco – *Neotomismo e arte moderna: Brotéria (1902-1960)*. Prefácio de José Fernandes Pereira. Lisboa: Fundação Lusíada, 2002. Col. Lusíada; 24. 166 p.

Neotomismo e Arte Moderna: Brotéria (1902-1960) apresenta-se como um contributo para o levantamento de algumas das linhas (doutrinais) que caracterizaram a reflexão estética em Portugal no vigésimo século. O autor escolheu, para o efeito, partir de uma fonte documental e doutrinal de primeira instância e de capital referência, a revista *Brotéria*, escrita e produzida pela Companhia de Jesus, confrontando as doutrinas broterianas com outras presentes no quadro da cultura portuguesa.

A obra constitui a tese de Mestrado em Teorias da Arte, apresentada na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, servindo de corolário teórico a um trabalho anterior, sobre a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, elaborado como trabalho de Licenciatura na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Desde já, uma anotação: num meio cultural em que os especialistas de Arte revelam a mais profunda ignorância em assuntos de Religião (já não dizemos de Teologia), este escrito chega-nos como brisa consolatória.

A obra apresenta a seguinte estrutura: em primeiro lugar, o que designaremos por proposição preambular, destinada a definir e a situar a questão temática na ordem do tempo. Duas secções distintas – a configuração da revista *Brotéria* no vigésimo século português, e o enquadramento cultural na relação com a presença dos valores da Companhia de Jesus, a qual, como é sabido, em virtude das disposições legais de 1834 (que revalidaram a lei de 1758), e de 1901 não se encontrava no País como tal, mas acobertada por designações várias, em geral identificadas como casas de educação, ou colégios, ou missões religiosas,